



## Televisão e Telejornalismo: modelos virtuais<sup>1</sup>

Neusa Maria Amaral<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Londrina

### Resumo

O presente trabalho demonstra como a introdução da imagem em movimento e do som na internet nos leva a inferir questões sobre convergências, diferenças e similaridades entre esta informação videográfica via web e a televisão e o telejornalismo convencionais. Mostra que a televisão e o telejornalismo tradicionais, ao penetrarem no ciberespaço da web, adquirem novos modelos de apresentação, que acabam por diferenciá-los do modelo tradicional, podendo ser vistos e pensados como um novo formato, com uma nova estrutura narrativa e uma nova linguagem, adequando-se ao ambiente virtual e convergente da Internet.

### Palavras-chave

Televisão; telejornalismo; webtv; cibertv; cibertelejornalismo.

### Televisão e Telejornalismo: do analógico ao virtual.

A utilização do vídeo na Web marca, sem dúvida, o início da migração das redes e emissoras de televisão para o espaço virtual, dando origem às *WebTVs* e *CiberWebTVs* e ao *Webtelejornalismo*. Mas em tempos de Internet onde tudo acontece simultaneamente e de modo muito rápido fica difícil determinar quando foram utilizados os primeiros vídeos na grande rede, segundo Dizard tudo começou em 1996, quando a *MTV* lançou um canal 24 horas de TV a cabo que poderia ser assistido também no computador, com páginas contendo informações complementares.<sup>3</sup>

Das emissoras de televisão que disponibilizam seu sinal via Internet, e que podem ser acessadas via computador, algumas se sobressaem em razão de seu papel hegemônico mundial, como é o caso da *CNN*; de sua tradição de qualidade, como a *BBC*, ou de sua diferença cultural, como é o caso da *TV Al Jazeera*, do Catar.

O número de TVs on-line cresce a cada dia, acompanhando o *site-index* [wwitv.com](http://wwitv.com) é possível verificar a rapidez: em janeiro de 2004 o *wwitv.com* contabilizava 769 canais de TV de 109 países que vai da Albânia ao Zimbawe; 374 canais em banda

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo.

<sup>2</sup> Jornalista, profa. Adjunto do Curso de Comunicação Social, da Universidade Estadual de Londrina e do Curso de Comunicação Social da Universidade Norte do Paraná; mestre em Comunicação Social, área de concentração em Comunicação Científica e Tecnológica, pela Universidade Metodista de São Paulo e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. End. Eletrônico: [nmamaral@uol.com.br](mailto:nmamaral@uol.com.br); [nmamaral@uel.br](mailto:nmamaral@uel.br).



estreita (narrowband) e 395 em banda larga (broadband). Dos 30 canais brasileiros indexados, 15, ou seja, 50% eram em banda larga. Em janeiro de 2007 o site contabilizava 2.218 tvs on-line, sendo 219 em banda larga ou seja, em menos de três anos o número total de tvs on-line contabilizadas triplicou. O *index* contabilizava também 83 canais de notícias on-line transmitindo ao vivo e 63 sob demanda (*vod - video on demand*, vídeo sob demanda).

### **Diferenciando as TVs On-Line**

As tvs on-line existentes hoje na internet, podem ser enquadradas em dois tipos: as *WebTVs*, e as *CiberTVs*; classificamos como *WebTVs* as emissoras de TV convencionais que disponibilizam seus sinais também via Web; e como *CiberWebTVs* canais de televisão que existem somente no universo virtual, ou seja, são concebidos, produzidos e transmitidos apenas pela Web. Exemplos deste tipo de TV, também catalogados nos sites-índice, são a *Kitz.net*<sup>4</sup> veiculando em fluxo contínuo ao vivo e também disponibilizando cinco webcams on-line na rede e a *twI*<sup>5</sup> que também transmite ao vivo e on demand, direto da Áustria.

No Brasil este tipo de TV está no ar desde o dia 04 de junho de 1997, é a *TV UOL*, o primeiro canal feito e veiculado exclusivamente pela Internet. A *TV UOL* pertence ao *Universo Online*, portal lançado em abril de 1996 e que até 2003 funcionou como resultado de uma associação entre o Grupo Folha e o Grupo Abril. Em 2004 a *TV UOL* começou a investir na cobertura esportiva, principalmente futebol. Hoje, além da *TV UOL*, outras *CiberTVs* brasileiras que contam com estruturas profissionais são a *TV Terra* e a *allTV*.

### **TV Terra**

A TV Terra passou a fazer parte do portal Terra, antigo ZAZ, em setembro de 2000 e permanece 24 horas no ar, todos os dias, de segunda a domingo, mas os programas inéditos e ao vivo são veiculados apenas de segunda a sexta, nos finais de semana a programação é reprisada.<sup>6</sup>A TV Terra foi pioneira no oferecimento de telejornalismo on-line ao colocar no ar o primeiro telejornal virtual ancorado pela jornalista Lílian Wite Fibe em outubro de 2000.



## **allTV**

A *allTV* foi ao ar oficialmente em maio de 2002, o início o sinal era transmitido pela Internet, e não por satélite ou antenas. A *allTV* migrou do ciberespaço para o espaço “real” em agosto de 2003 quando passou a ser oferecida como um canal da TV Paga, podendo ser acessada no canal 12 da TVA de São Paulo. Ao penetrar no espaço virtual a televisão adota determinados modelos que podem ser classificados e identificados.

## **Modelos de TVs Virtuais**

A classificação por modelos é apenas uma forma didática de caracterizar as TVs Virtuais, visto que muitas delas são híbridas, ou seja, ao mesmo tempo em que emitem ao vivo, também disponibilizam seus programas *on demand*, ou por inteiro ou por módulos.

### *Modelo I – WebTV Transpositiva em Fluxo Contínuo*

O modelo WebTV transpositiva em fluxo contínuo é a simples emissão do canal de televisão, *broad* ou *narrowcast* através da Web, inserido na janela de um *browser* player *streaming* (programa navegador que permite a reprodução de sinais de áudio e vídeo). Este modelo por sua vez se divide em dois outros: o *Modelo WebTV transpositiva em fluxo contínuo ao vivo*, e o *Modelo WebTV transpositiva em fluxo contínuo on demand*.

No *Modelo WebTV transpositiva em fluxo contínuo ao vivo* o sinal do canal televisivo é emitido no momento mesmo em que o canal está no ar nos outros suportes (ondas hertzianas, cabo, satélite ou MMDS); este modelo é muito similar às emissões tradicionais da televisão que somente podem ser recuperadas quando gravadas, em fita cassete, CD, DVD ou qualquer outro suporte. Para assistir às TVs veiculadas neste modelo, o internauta precisa estar conectado nos horários específicos de transmissão dos programas. As transmissões das redes Bandeirantes (via SuperiG) e rede TV! (via site da rede) e do canal pago Globo News são exemplos deste modelo.

No *Modelo WebTV transpositiva em fluxo contínuo on demand*, as emissões, embora sejam em fluxo contínuo, os programas não são ao vivo. Os programas, independente do tempo de duração, são disponibilizados por inteiro em um menu de arquivos *on demand* podendo ser acessados quando o internauta quiser e quantas vezes ele tiver vontade de fazê-lo. Neste modelo, os programas são retirados do fluxo de emissão normal, transformando-se em arquivos dissociados do restante da programação.



### *Modelo II – WebTV Transpositiva On Demand por Módulos*

Neste modelo os programas da TV convencional são seccionados em partes e disponibilizados apenas em menus *on demand*, não podendo ser assistidos ao vivo via Web. Cada parte se transforma em um arquivo e, para chamar a atenção do internauta, cada arquivo é descrito em uma *manchete-link*. Neste modelo o internauta pode quebrar a ordem linear do programa, assistindo aos trechos que quiser, quando e quantas vezes quiser.

As TVs que existem somente no espaço virtual, as *CiberTVs*, também seguem os modelos descritos acima, ou seja, algumas oferecem programas inteiros que tanto vão ao ar ao vivo, quanto são disponibilizados em menus *on demand*; como também oferecem partes de programas que podem ser acessadas *on demand*, podendo então ser caracterizadas como *CiberTV em fluxo contínuo ao vivo*; *CiberTV em fluxo contínuo on demand* e *CiberTV on demand por módulos*.

### **O Telejornalismo na Web**

No telejornalismo da web, o fato das matérias serem disponibilizadas em um menu *on demand* (sob demanda), quebra a estrutura narrativa padrão do telejornalismo convencional, onde as matérias são disponibilizadas de acordo com critérios editoriais fechados: uma na seqüência da outra, e o telespectador assiste às matérias de acordo com a ordem pré-estabelecida por estes critérios, é a tal “ordem linear”; no webtelejornalismo o internauta-telespectador (webtelespectador) pode quebrar esta ordem e não levar em consideração a forma como as matérias são disponibilizadas no menu. Para Saad, estas possibilidades hipermediáticas da cibernotícia, implica, para as empresas informativas,

[...] aprender a reutilizar sua própria produção de informação, a aproveitar tudo, a guardar o que antes se jogava fora, a potencializar com recursos tecnológicos o que antes era estático, a compreender a informação enquanto um conjunto re-organizável de dados, imagens e voz que podem ser utilizados em qualquer mídia, inclusive as tradicionais e lineares.<sup>7</sup>

Esta nova forma de utilização de que fala Saad, caracteriza uma nova forma de jornalismo e, por conseguinte, partindo da utilização das informações videográficas jornalísticas, uma nova forma de telejornalismo.



## Os Telejornais Brasileiros on-line

Atualmente, são três as redes nacionais que disponibilizam seus telejornais na Web, as três utilizando formatos diferenciados, a Bandeirantes, ao ter o seu sinal disponibilizado pelo SuperiG, disponibiliza portanto seus telejornais em fluxo contínuo ao vivo, no momento mesmo em que estes telejornais estão no ar no sistema convencional (com os segundos de *delay* característicos das diferenças tecnológicas). A segunda rede brasileira que disponibiliza seus programas jornalísticos on-line é a rede TV!, mas somente em fluxo contínuo ao vivo, já que disponibiliza seu sinal em tempo real na Web.

A terceira rede que disponibiliza todos os seus programas jornalísticos na Web, é a Globo. Todos os programas jornalísticos da rede Globo possuem sites que disponibilizam as matérias produzidas em menus de vídeos *on demand*. Os sites estão ancorados no megaportal Globo.com. Segundo as jornalistas Cecília Gandra, Diretora de Sistemas de Rede, e Teresa Cavallero, Gerente de Projetos da Central Globo de Jornalismo (CGJ),

A publicação das matérias é feita após a exibição do TJ/programa. Há casos em que usamos o conceito da “chamada” para atrair o internauta, seguindo o mesmo conceito das chamadas feitas na TV. Também utilizamos as “newsletter” para atrair os internautas para os sites dos programas/Tjs.<sup>8</sup>

Das inúmeras *CiberTVs* veiculando na Web, muitas são de natureza informativa, transmitindo formatos e padrões já consagrados no telejornalismo tradicional, adotando portanto um formato transpositivo convencional. São exemplos o *Vrtnews* veiculado da Bélgica que disponibiliza videoreportagens e telejornais on-line, ao vivo e *on demand*, a italiana *AgusTV*, produzida pela agência de notícias *Stampa*.<sup>9</sup>

## O CiberWebTelejornalismo Brasileiro

O *UOL News* é o principal programa jornalístico da TV UOL. O boletim foi o primeiro programa produzido para a banda larga e estreou em 31 de julho de 2000, ancorado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim; em 2005 passou a ser ancorado pela jornalista Lílian wite Fibe. Outro exemplo é o *Jornal do Terra*, que começou em



dezembro de 2002.<sup>10</sup> A TV Terra foi pioneira no oferecimento de telejornalismo on-line ao colocar no ar o primeiro telejornal virtual ancorado pela jornalista Lílian Wite Fibe em outubro de 2000. Na *allTV* a “interatividade on-line” onde, através de chats uma os apresentadores se revesam “teclando” com os internautas 24 horas por dia. Um dos principais programas da *allTV* é o *Jornal interativo* apresentado de segunda á sexta das 18h às 20 h.

O Telejornalismo virtual também segue os mesmos modelos com algumas variações. Quando as emissoras de televisão disponibilizam seus telejornais seja em fluxo contínuo, seja por módulos de arquivos *on demand* estão fazendo telejornalismo, independente da forma de emissão (reportagens separadas do todo, ou o todo em fluxo contínuo) e do suporte tecnológico utilizado, a Web.

Em razão disso, se a webpágina apresenta um formato mais “página de jornal impresso”, ao clicar na matéria específica e entrar no link desta matéria, o texto tenta reproduzir o texto narrativo oral utilizado na própria reportagem disponibilizada em vídeo, ou seja é um texto transcrito, com pequenas mudanças para adequá-lo ao suporte, já que é um texto que será lido na página e ouvido no vídeo. Exemplos deste tipo de utilização são os textos das reportagens dos telejornais da Globo.

Neste tipo de utilização, o texto não é uma descrição do vídeo que o internauta irá assistir, mas é quase uma transcrição literal do texto sonoro-lingüístico que está na reportagem. O texto telejornalístico padrão é o texto oral com características narrativas. No texto oral tanto a sintaxe quanto o léxico são menos elaborados, motivo pelo qual ao longo dos anos o jornalismo de televisão sempre foi criticado e considerado o “primo pobre” da língua portuguesa.

Mas esta simplificação textual não significa necessariamente que o texto não deva contemplar as exigências estilísticas da língua, além disso, exatamente por ser oral, outros fatores interferem na composição e compreensão do texto telejornalístico, entre estes fatores podem ser citados, as características da oralidade de cada repórter, apresentador ou entrevistado, sujeitos da emissão do texto oral, que se refletem no timbre, que pode ser mais grave ou mais agudo, na pronúncia que, embora no telejornalismo nacional procura-se adotar uma pronúncia padrão, pode ser mais aberta ou fechada, mais ou menos arrastada, com ou sem sotaques específicos.

Ao ser transposto para a Web o texto telejornalístico padrão muda, não somente por força das características do espaço virtual, mas, principalmente porque tanto o telejornal em fluxo contínuo, quanto as reportagens isoladas, estão inseridas em uma página e a mudança acontece não no material em vídeo disponibilizado, este, por ser transpositivo, permanece com suas características convencionais, mas na reprodução do texto da matéria na página da Web, o texto de oral, passa a ser também um texto impresso, e perde muitas das características do texto telejornalístico padrão.

Neste sentido o telejornalismo *on-line* adota dois modelos: um que transpõe de forma quase que completa, todo o texto oral encontrado no vídeo, mudando uma ou outra palavra, como acontece, por exemplo nas matérias dos telejornais da Rede Globo, e outro que traz todas as informações contidas no vídeo, mas sem a preocupação de reproduzir o texto lá utilizado, é o caso, por exemplo, das reportagens do Jornal do Terra.

Quando a emissora de televisão disponibiliza sua programação, aí incluídos seus telejornais, na rede, em fluxo contínuo ao vivo, não existe nenhum suporte textual que prepare o internauta para o que irá assistir, a não ser as *machetes-links* que abrem a janela do vídeo. Neste caso a emissora está fazendo o telejornalismo padrão do sistema convencional, *broad* ou *narrowcasting*, e utilizando a Internet como suporte de emissão, como utiliza o satélite, o cabo ou as ondas hertzianas, fazendo, portanto *webcasting*, ou seja difusão via Web. Silva Júnior classifica o desenvolvimento dos sites de jornal, no que toca tanto ao arranjo hipermidiático como ao desenvolvimento de interfaces, em três estágios principais:

– **O transpositivo**, como modelo eminentemente presente nos primeiros jornais on-line onde a formatação e a organização seguiam diretamente o modelo do impresso. Trata-se de um uso mais hermético e fiel da idéia da metáfora, seguindo muito de perto o referente pré-existente como forma de manancial simbólico disponível.

- **O perceptivo**. Num segundo nível de desenvolvimento, há uma maior agregação de recursos possibilitados pelas tecnologias da rede em relação ao **jornalismo** on-line. Nesse estágio, permanece o caráter **transpositivo**, posto que, por rotinas de automação da produção interna do conteúdo do jornal, há uma potencialização em relação aos textos produzidos para o impresso. Gerando o reaproveitamento para a versão on-line. No entanto há a *percepção* por parte desses veículos, de elementos pertinentes a uma organização da notícia na rede

**O hipermidiático**. Mais recentemente, podemos constatar que há demonstrações de uso hipermidiático por alguns veículos on-line, ou seja: o uso de recursos mais intensificado hipertextuais, a convergência entre suportes diferentes(multimodalidade) e a

disseminação de um mesmo produto em várias plataformas e/ou serviços informativos.<sup>11</sup>

Mesmo considerando o fato de a própria Internet estar em constante mutação, e da constatação de que todo começo implica numa busca de linguagem e estrutura que somente irão se sedimentar com o tempo e com a própria utilização, ao analisarmos o jornalismo videográfico existente hoje na Web é possível também detectar e caracterizar determinados modelos, considerando as classificações de Silva Júnior.

### **Modelos de Telejornalismo Virtual**

#### *Modelo I – Transpositivo em “tempo real”*

Este primeiro modelo é a simples transposição do telejornal em tempo contínuo para o ciberespaço, utilizando a Internet apenas e tão somente como suporte de emissão, ou, utilizando o conceito de sistema, como um sistema de teledifusão. O telejornal no seu todo é transmitido via Internet no momento mesmo em que vai ao ar na televisão tradicional. Como as tecnologias são divergentes na sua concepção técnica, ao convergirem existe um *delay* (retardo), e o chamado tempo real não consegue ser tão real assim, ou seja, a televisão tradicional está sempre alguns segundos à frente da transmissão via Internet, e, dependendo da configuração da rede e do próprio computador do usuário, este *delay* pode chegar a mais de 15 segundos. Como exemplo deste modelo podemos citar o Jornal da Rede TV!, alguns telejornais da *Swissinfo*, da Globo News, da Band, das redes ABC, NBC e CBS e da própria BBC que transmitem suas respectivas programações em tempo real pela Internet.

#### *Modelo II – Transpositivo On Demand*

Neste modelo os telejornais são colocados em menus on demand, e o internauta o acessa de acordo com seu próprio tempo e interesse. Podendo acessá-lo quantas vezes quiser e nos momentos que bem entender. Poucas redes disponibilizam o telejornal integral em arquivos on-demand; exemplos que podem ser citados é a própria *Swissinfo*, o Jornal do Terra e a BBC.



### *Modelo III Transpositivo On Demand e em “tempo real”*

Neste modelo, o telejornal além de ser disponibilizado ao vivo, em tempo real, também permanece no menu de arquivos on demand, podendo tanto ser assistido no momento mesmo em que está no ar na televisão tradicional, como no momento em que o internauta quiser. Um exemplo deste modelo são os telejornais da *TV RTK* transmitindo direto do Kosovo.

### *Modelo IV Semi-Transpositivo*

Neste modelo o telejornal nunca é disponibilizado por inteiro, tendo a sua estrutura e linguagem padrão-convencional quebradas. Este modelo é típico das grandes redes tradicionais de televisão. Um exemplo a ser citado é o da Rede Globo de televisão. A disposição das matérias nas páginas do website segue o padrão da importância editorial atribuída no telejornal convencional: a matéria principal ocupa um espaço maior no centro da página, sendo seguida pelas matérias de menor importância.

### *Modelo V – Convencional Hipermidiático*

Neste modelo, o telejornal não existe em uma televisão convencional, são boletins produzidos especialmente para a Internet, mas utilizando a linguagem tradicional das reportagens telejornalísticas convencionais. Este modelo pode ser subdividido em outros dois sub-modelos: o *convencional hipermidiático original*, produzido inteiramente pelo portal ou site, e o modelo *hipermidiático terceirizado* que utiliza material de terceiros, notadamente de agências de notícias. São exemplo deste modelo o *Jornal do Terra*, veiculado pela TV Terra, do portal Terra; o *Jornal do Terra* disponibiliza os dois sub-modelos, e o *UOL News* que se caracteriza mais como um sub-modelo hipermidiático original, utilizando-se de entrevistas de estúdio ou por telefone.

### *Modelo VI Hipermidiático Convergente Interativo*

O sexto e último modelo é o veiculado pela allTV, que poderia ser caracterizado como um *Modelo hipermidiático convergente interativo*, na medida em que tenta aglutinar todos os elementos interativos propiciados pelo ambiente virtual, como e-mail, Chat, entrevista ao vivo, vídeo, áudio e dados, numa convergência de mídias.

## **A mudança do suporte**

A digitalização e a virtualidade da informação permite também uma mudança radical nos suportes utilizados pelas mídias tradicionais para o registro do que foi ou está sendo veiculado. A evolução dos equipamentos digitais permite hoje no



telejornalismo “real” ou “virtual”, o conceito chamado de *‘tapeless’*, ou seja a captação, a edição e a transmissão dos programas de televisão hoje não necessitam mais da utilização de fitas (tapes), tudo é captado por câmeras digitais e o material é armazenado em servidores, computadores de grande capacidade de memória, que podem ser acessados pelos editores de vídeo e de texto.

Um exemplo deste tipo de conceito de produção é o utilizado pelo canal Band News, da Rede Bandeirantes de Televisão. O *Band News* utiliza um servidor digital canadense Leitch, com capacidade de armazenar 80 horas de gravação de material jornalístico, ou cerca de 1360 tb (*terabytes*) na linguagem do computador. O servidor trabalha junto com o software ENPS, da agência de notícias AP – *Associated Press*, criado com o objetivo de abolir o uso de papel nas redações; com a utilização do servidor, a *Band News* aboliu a utilização das fitas.

### **Publicidade e regulamentação**

Na TV e no telejornalismo tradicionais a publicidade tem o seu lugar específico, ou fora dos programas, inseridas nos chamados *breaks* (intervalos) ou inseridas em cenas de programas reproduzindo cenas do cotidiano, no chamado merchandising. Na TV *on-line*, a todo momento o internauta é bombardeado por *pop-ups* e *banners*, numa poluição desmedida que cria incômodo e acaba por atrapalhar a recepção do conteúdo.

Em todas as *WebTVs* e *CiberwebTVs* acessadas a poluição comercial se faz presente, exceção feita às TVs públicas européias que não utilizam publicidade comercial, os *banners* e *pop-ups* utilizados fazem apenas publicidade institucional. Nas demais *WebTVs*, o modelo comercial impera. Algumas chegam até a colocar vídeos publicitários antes de exibirem a videoreportagem clicada pelo internauta, é o caso, por exemplo, da CBS, o material, por ser gratuito (*free*) é sempre precedido por um comercial da *Wal-Mart*, a maior loja de varejo do mundo.

Nas *CiberWebTVs* a publicidade comercial também se faz presente, embora em volume reduzido, talvez mais pelo fato de, por serem pequenas, conseguirem menos clientes comerciais, do que propriamente por uma questão de abordagem e conceito editoriais. Aqui a TV Virtual acaba por transpor também o padrão da TV convencional, nas TVs públicas européias o internauta navega tranqüilo sem o acesso da publicidade comercial, nas *WebTVs* americanas e brasileiras a publicidade comercial impera em todos os momentos.

Na TV Convencional, para se livrar dos comerciais, resta ao telespectador mudar de canal, na Web, para os incômodos *pop-ups* já existem programas específicos (softwares) que os impedem de aparecer, para os *banners* ainda não existe remédio, o interessante é que, ao contrário da mídia convencional, a Web permite, dentro do seu próprio ambiente, a possibilidade de gerenciar e eliminar elementos que também fazem parte ou são resultantes do próprio meio. No *Webtelejornal* a regra é a mesma, seguindo portanto o padrão utilizado pela WebTV que o veicula; a publicidade comercial convive com a institucional, mas a todo momento pipocam *pop-ups* e os *banners* “piscam” nas páginas.

Os *Ciberwebtelejornais* como o *UOL News* e o *Jornal do Terra* também fazem publicidade comercial com uma diferença, enquanto no *UOL News* o padrão é apenas um banner comercial e um institucional, no *Jornal do Terra* a poluição comercial é bem maior, a publicidade comercial faz parte da página com o menu das reportagens, da página com a matéria específica e, inclusive da própria janela do *browser*, dividindo espaço com o material em vídeo.

Outro ponto importante é a questão da regulamentação, as TVs *broadcasting*, que utilizam para a emissão de sinal as ondas hertzianas, adotam o *trusteeship model*.<sup>12</sup> No Brasil tanto as emissoras de rádio quanto as de televisão são concessões com limites, para a televisão são 15 anos, renovável por igual período. A TV *narrowcasting*, embora menos regulada, tem leis e normas específicas. Na Internet as TVs estão livres de regulamentação, pelo menos, por enquanto. Os sites e portais também não necessitam de nenhuma licença ou concessão para se conectarem à Web.

## **Estrutura**

As TVs que existem somente no mundo virtual optaram num primeiro momento pelo formato entrevista num estilo radiofônico, numa estrutura bastante simplificada que lembra os primeiros momentos da televisão brasileira, exemplo típico é a *allTV*. Atualmente muitas disponibilizam também os formatos “notas cobertas” material telejornalístico adquirido de agências e que são editados com um texto em *off* na voz da (o) apresentador(a), exemplo típico da maioria do material em vídeo disponibilizado pelo *Jornal do Terra*.

---

<sup>12</sup> Que diz que o espectro eletromagnético é um bem público, natural e limitado e os radiodifusores atuam como fiduciários sob controle governamental.



Algumas disponibilizam boletins que trazem apenas as chamadas “*notas ao vivo*” sem imagens do acontecimento. Muitos destes boletins vão ao ar ao vivo e depois são disponibilizados em arquivos *on demand*, podendo ser acessados a qualquer momento pelo internauta. Ao clicar no arquivo escolhido, abre-se a janela do vídeo. Muitas vezes a informação é completada através de uma “nota retorno” que finaliza a matéria complementando a informação, lida pelo apresentador.

### **Estrutura Narrativa**

O telejornalismo *on demand* da Web quebra a estrutura narrativa padrão à qual estamos acostumados na televisão convencional, seja aberta ou fechada, com as notícias blocadas e os *breaks* fazendo parte da sua própria estrutura. No *telejornalismo virtual on demand por módulos* todos os elementos visuais e textuais que formam a estrutura narrativa dos formatos são desconsiderados: escaladas, *chamadas interblocos* ou *de passagem*, manchetes ilustradas, etc. Esta segmentação por matérias (arquivos) embora fragmente o telejornal convencional, é uma opção sem dúvida adequada à estrutura tecnológica disponível hoje e, inclusive, sob o ponto de vista de acesso, muito mais adequado, em razão das limitações da própria mídia.

A fragmentação transforma o arquivo total do TJ em arquivos menores, diminuindo o tamanho (peso do arquivo) e facilitando para o internauta que pode assistir em seu computador quer tenha banda larga quer tenha banda estreita. Ou seja, a opção pela fragmentação é uma forma de contemplar a atual estrutura tecnológica disponível para a Internet, facilitando a disponibilização de material de áudio e principalmente de vídeo, muito mais pesados do que os arquivos de texto.

### **Linguagem**

A riqueza da linguagem visual que caracteriza a TV e o telejornalismo convencionais, fica prejudicada na Web, em razão da ainda deficiente estrutura tecnológica da rede. Nos vídeos transpositivos, produzidos ou para a mídia tradicional ou de forma tradicional para a Web, a deficiência do suporte de emissão faz com que muitos dos elementos básicos e fundamentais na composição da complexidade da linguagem imagística televisual acabem por prejudicar o entendimento da informação ao invés de enriquecê-la como acontece na mídia tradicional.

Um grande exemplo é a riqueza de detalhes e nuances de iluminação e croma (cores) que figuram como elementos principais na composição da imagem iconográfica convencional, mas que se perdem quando transpostos para a Web. Outro elemento que



perde a sua força no ciberespaço é o movimento rico e importante quando se discute a linguagem imagética telejornalística padrão é o trabalho de câmera que consiste na articulação de planos fixos e planos em movimento, que caracterizam a cobertura dos fatos e acontecimentos no dia-a-dia telejornalístico.

Não é possível afirmar que a linguagem utilizada seja a televisiva, muito menos afirmar que seja uma linguagem hipermidiática comum ao ambiente virtual, visto que ao abrir a janela do vídeo o internauta-telespectador não pode clicar dentro do próprio vídeo e “linkar” novas e diferentes informações e ângulos, embora já exista hoje tecnologia disponível para tornar isto realizável, mas poderíamos dizer que existe sim uma *soma de linguagens*, onde cada matéria ou programa (arquivo) pode ser visto de forma isolada, descontinuada, sem inserção numa estrutura narrativa padrão.

É importante observar que, ao falarmos de estrutura narrativa estamos nos referindo às formas padrão dos programas jornalísticos aos quais estamos acostumados a ver na TV convencional; se levarmos em consideração apenas a estrutura própria da Web, seus conceitos de usabilidade, navegabilidade e design, poderíamos afirmar que existe sim uma estrutura narrativa, é uma estrutura diferenciada.

Diferenciada porque quebra o paradigma da estrutura padrão ao somar linguagens e discursos, ou seja, mesmo o material isolado, fora da estrutura padrão do telejornalismo e da TV convencionais, ao ser inserido no ambiente virtual da Web proporciona o que poderíamos chamar de “*linguagem híbrida*”, ou “*linguagem simbiótica*” que tanto poderia não ser nem TV e nem Web, quanto poderia sim ser considerada uma linguagem estrutural, semelhante às linguagens de um e outro meio, mas nem por isso igual, uma linguagem específica portanto do ambiente eletrônico virtual no qual está inserida. Ao penetrar no espaço virtual a televisão e o telejornalismo convencionais se transformam em uma nova mídia visual hipermidiática, convergente, simbiótica, diferente, que poderá conviver com as mídias eletrônicas convencionais como o rádio, o cinema e a televisão convivem hoje.

## Referências bibliográficas

<sup>3</sup> DIZARD, Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa a era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 30.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.kitz.net>. Acesso em 12 de fev 2002.

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.tw1.at>. Acesso em 12 de fev 2002.

<sup>6</sup> Disponível em <http://tv.terra.com.br>. Acesso em out 2003.



<sup>7</sup> SAAD, Beth. Estratégias para a mídia digital: internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, p.78.

<sup>8</sup> GRANDRA, Cecília e CAVALLERO, Teresa. Entrevista via e-mail em 16/10/2003.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.agus.it>. Acesso em fev. de 2004.

<sup>10</sup> Disponível em <http://primapagina.terra.com.br>. Acesso em out. de 2003.

<sup>11</sup> SILVA JÚNIOR, José Afonso da. *A Relação das Interfaces enquanto Mediadoras de conteúdo do Jornalismo contemporânea: Agências de notícias como estudo de caso, Universidade de Pernambuco, Recife, outubro de 2001* - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – [www.bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-interfaces-mediadoras.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-interfaces-mediadoras.pdf) - acesso em 23 dez. de 2002.

<sup>12</sup> ALMEIDA, André Mendes de. *Mídia Eletrônica: seu controle nos EUA e no Brasil*. RJ: Forense, 1993, p. 50.